

## **ENSAIOS SOBRE A ECONOMIA EXTERNA DA “EMPRESA CHAMADA BRASIL”**

Roberto Vilmar Satur<sup>1</sup>

Edivana Cadoná<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O Brasil historicamente foi uma economia voltada ao mercado interno. Nos anos 90 sua economia começou a mudar de postura e o país, a partir de então, sofreu as conseqüências de um ajustamento que passou a ser feito buscando tornar o país uma economia de mercado voltado ao cenário externo. Tal mudança de postura obrigou o país a mudar drasticamente sua condução da política econômica governamental desde a política monetária, passando pela fiscal, cambial e de renda. O país, num curto espaço de tempo, fez com que as suas empresas saíssem de um cenário interno de economia fechada para um cenário externo de economia aberta. Tais mudanças exigiram uma modernização profunda nos métodos de produção por que a competição interna e

---

<sup>1</sup> Economista, Especialista em Comércio Exterior, Mestre em Economia (Ênfase Economia da Empresa) pela UFPB (João Pessoa), Professor do Departamento de Ciências Sociais Aplicadas da URI-FW, coordenador do projeto de extensão Empresa Junior Comex URI FW e membro do projeto de pesquisa Perfil e Panorama do Agronegócio Exportador da Região de Frederico Westphalen.

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Administração – Habitação Comércio Exterior da URI, campus de Frederico Westphalen, bolsista do projeto de extensão Empresa Junior Comex URI FW.

externa ficou mais acirrada. Muitas empresas demoraram a perceber isso e várias não resistiram as mudanças. Paralelo a isso a nova postura de política econômica implementada pelo governo (Plano Real) provocava mais arrochos internos fazendo as empresas terem mais dificuldade de competição no país e no exterior, principalmente pelo fato do câmbio com o Real valorizado. Passado esse período e com as mudanças feitas no final do século passado e início deste o Brasil conseguiu, aos poucos, retomar o rumo do crescimento econômico. No cenário atual, apesar dos problemas, se visualiza uma situação mais confortável na economia para os próximos anos, mas sempre existem riscos. Portanto, o que se pode esperar da economia brasileira para os próximos anos? Qual a melhor atitude a ser tomada? São perguntas que empresários, sociedade e governo devem buscar responder. Este artigo busca descrever a situação da economia brasileira e responder algumas destas interrogações.

**Palavras-Chave:** economia brasileira, comércio exterior, perspectivas econômicas

### ABSTRACT

The Brazil historically was an economy returned to the internal market. In the nineties her economy began to change of posture and the country, starting from then, the consequences of an adjustment that it passed to be made looking for to turn the country a market economy suffered returned to the external scenery. Such posture change forced the country to change his transport of the government economical politics drastically from the monetary politics, going by the district attorney, exchange and of income. The country, in a short space of time, did with that their companies left an internal scenery of closed economy for an external scenery of open economy. Such changes demanded a deep modernization in the production methods why the competition interns and it expresses was more intransigent. A lot of companies were long to notice that and several they didn't

resist the changes. Parallel to that the new posture of economical politics implemented by the government (Plano Real) it provoked more internal squeezes making the companies have more competition difficulty in the country and in the exterior, mainly for the fact of the exchange with the valued Real. Passed that period and with the changes done in the end of last century and beginning of that Brazil got, little by little, to retake the direction of the economical growth. In the current scenery, in spite of the problems, a more comfortable situation is visualized in the economy for next years, but always risks exist. Therefore the one for what can she wait of the Brazilian economy for next years? Which the best attitude to be taken? They are questions that entrepreneurs, society and government should look for to answer. That article looks for to describe the situation of the Brazilian economy and to answer some of those interrogations.

**Key-words:** Brazilian economy, external trade, economical perspectives

## 1 INTRODUÇÃO

O aumento da competitividade no mercado nacional e internacional faz com que as empresas brasileiras sigam as tendências da globalização, explorando as oportunidades existentes em outros países e favorecendo a economia brasileira, pois certos cenários internacionais, e outros mercados podem trazer mais vantagem competitiva entre as empresas e aumentar o índice da balança comercial, sendo favorável para a economia do país.

Essas mudanças vieram com a inserção do país no mercado global exigindo que as empresas redimensionem a qualidade dos seus produtos, o atendimento aos clientes, cumprimento de prazo e a redução de custos e de preços, tornando-se, assim, mais eficiente e eficaz. Nesse contexto as empresas direcionam seus produtos mais qualificados e competitivos para o mercado internacional através da introdução destes em um ou vários países.

Isso já é fato no mercado brasileiro, mostrando uma nova conformação econômica, apoiada pelo governo e entendida por parte das empresas, onde a expansão do comércio internacional é acompanhada do crescimento da circulação de bens e produtos, assim como também de capital, tanto a nível nacional como internacional.

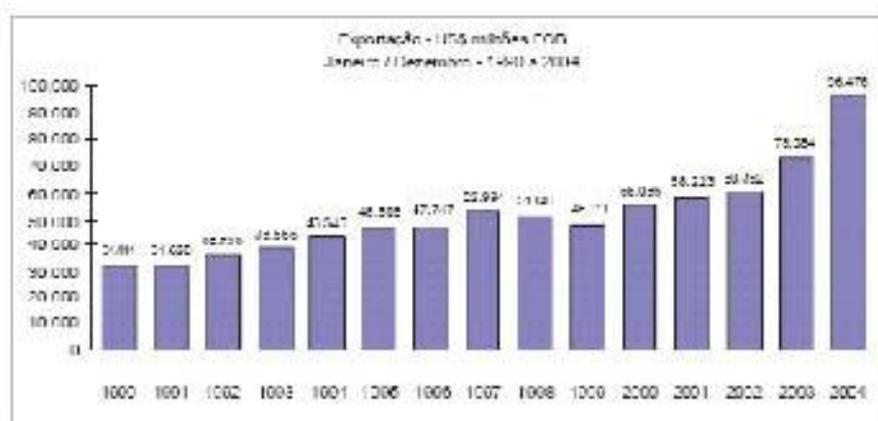
O comércio internacional tem desempenhado um importante papel na economia brasileira, com exuberante crescimento no ano de 2004 em relação ao ano de 2003. Com isso a economia interna que estava desaquecida, desde antes das eleições até o final de 2003 (com o PIB de 2003 apresentando resultado negativo), começou a retomar o crescimento especialmente decorrente do deslocamento de produtos das empresas para outros países através das exportações. Essas exportações permitiram a capitalização das empresas nacionais que, para atenderem a demanda externa passaram a produzir mais aumentando a compra de insumos, gerando mais emprego e, por conseqüência, distribuindo parte dessa renda auferida com outras empresas e com a sociedade. Típico do que se chama de efeito multiplicador.

A expansão dos fluxos de capitais, a modernização do sistema logístico, do sistema de informações, das telecomunicações, do modo de gestão e das inovações tecnológicas está facilitando e intensificando, cada vez mais, o crescimento da atividade do comércio exterior. Esse processo cresce há algumas décadas mas o Brasil percebeu e passou a atuar mais claramente nesse sentido a duas décadas. Isso tem permitido uma maior integração nacional com o mercado externo trazendo resultados competitivos e modernizantes de fundamental importância para o país. Essa tendência se verificou também em 2004, tendo perspectivas positivas para o ano de 2005 (apesar da desvalorização do dólar) e até para anos seguintes, num ambiente favorável aos negócios, aos investimentos, e como conseqüência, ao Brasil e sua economia.

## 2 A ECONOMIA BRASILEIRA E O SEU MERCADO EXTERNO

Acreditando na idéia de que o Brasil quando tiver efetivamente “uma estabilidade econômica de longo prazo à nível macroeconômico e voltar a crescer, terá reais possibilidades de almejar uma posição de potência econômica” (SATUR & RIBEIRO, 2002, p.73) as exportações terão papel fundamental no curto, médio e longo prazo nesse sentido. Desse modo o desempenho da Balança Comercial brasileira cada vez passa a ter maior importância para a economia do país.

Segundo MDIC (2004), o Brasil, em 2004 alcançou mais um lugar no livro dos recordes no balanço externo, encerrando o ano com exportações de US\$ 96,475 bilhões, importações de US\$ 62,779 bilhões e o saldo comercial em torno de US\$ 33,696 bilhões, obtendo um crescimento em relação a 2003 de 32% nas exportações e 30% nas importações, totalizando 30% a mais que em 2003”. São estes os números que mostram a intensificação do processo de inserção da economia brasileira no mercado mundial. O crescimento, facilitado pelo excelente ritmo do comércio mundial resulta de opções das decisões de empresas, que passaram a se comprometer com o mercado internacional como estratégico para sua expansão, e do governo, pensando no desenvolvimento de novos mercados.



Fonte: MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

A Figura 1 expressa os dados oficiais divulgados pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior sobre o desempenho das exportações brasileiras nos últimos 14 anos, ou seja desde o período que o Brasil começou a se abrir efetivamente para o mercado global, nos anos 90. Percebe-se que as exportações brasileiras sempre tinham a tendência crescente até que em 1998 e 1999 esse ciclo foi revertido. Isso porque o Brasil ainda passava por um período de ajustes de sua nova política monetária com a implantação do Real em 1994.

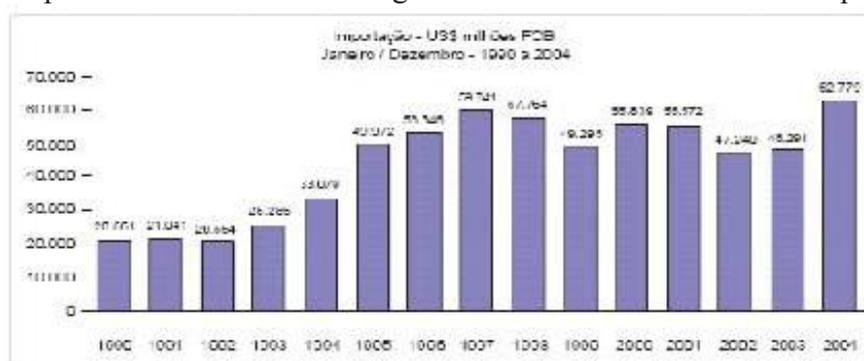
No quesito exportação o Brasil perdeu muito em competitividade quando por 4 anos e meio insistia em manter o Real valorizado e próximo ao valor do dólar mesmo tendo inflações imensamente superiores à inflação existente nos EUA. Essa manutenção do Real valorizado foi conseguida com políticas recessivas como a restrição ao crédito, taxas de juros elevadas (para o governo conseguir captar recursos no mercado e para conter o consumo), arrocho fiscal (aumento dos impostos e redução dos gastos governamentais), aumento da dívida pública (especialmente interna: para cobrir os déficits), privatizações (fazer caixa) e importações, como pode ser visualizado na Figura 2 (para impedir que empresas nacionais aumentassem o preço dos seus produtos o governo baixou alíquotas e esses produtos vindos de fora aumentaram a oferta dos produtos e a conseqüente manutenção dos preços).

Sempre que o Real ameaçava perder valor em relação a moeda dos EUA o governo intervinha no mercado vendendo Dólar e forçando a baixa da cotação desse. Isso sempre foi possível enquanto o governo tinha grandes reservas de Dólar no Banco Central (estoque que começou a ser formado de uma maneira mais consistente no início dos anos 90). Tal política cambial que mantinha de uma forma artificial a valorização do Real facilitava as importações e aumentava o Custo Brasil (já onerado com os juros e os tributos elevados) tornando muitos de nossos produtos sem capacidade competitiva no exterior, dificultando as exportações. Nesse período de *déficit* apenas o agronegócio conseguiu manter-se superavitário evitando um “desastre

ainda maior”. Tais fatos justificam por que nesse período 1995 a 1999 o desempenho das exportações brasileiras foi frágil.

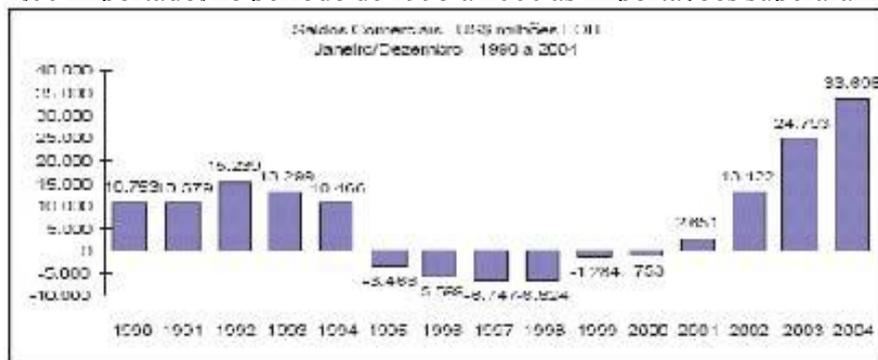
O governo brasileiro intervia fortemente na valorização do Real e contenção da inflação mediante arrocho “em decorrência do fracasso de vários planos imediatamente anteriores, que instauraram incerteza e insegurança na sociedade e nos agentes econômicos e sociais”. (BRUM.A.J., 2003, p.484). Então, tudo que o governo não poderia admitir era qualquer risco de instabilidade inicial no Plano Econômico para evitar seu fracasso.

No início de 1999, o governo brasileiro se vê obrigado a abandonar a política de valorização do real e deixa o câmbio flutuar. Este oscila muito até se consolidar por volta dos R\$ 3,00. Mesmo com o Real desvalorizado o desempenho das exportações brasileiro ainda não foi significativo em 1999 e nos anos seguintes. Isso porque as empresas precisaram de um certo tempo para se atualizar e voltarem com força a produção e as exportações. Uma vez que em aquele período de quatro anos as empresas praticamente não investiram em modernização e até reduziram capacidade produtiva. Por isso, precisaram um tempo para voltar a ter força produtiva e de negócio no exterior. O crescimento dos anos que se seguem a 1999 foi gradativo e cada vez mais intenso mostrando que com esse novo método as empresas estão voltando ou ingressando no mercado externo. O que



Fonte: MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

A Figura 2 demonstra o desempenho das importações numa correlação direta com a moeda nacional valorizada ou desvalorizada. Historicamente o Brasil teve superávit na Balança Comercial (Figura 3) e isso se repetiu no início dos anos 90 e no início do novo milênio, exatamente no período que a taxa cambial expressava uma valorização do Dólar em relação a moeda nacional. Já no período de 1995 a 2000 houve *déficit* na Balança Comercial brasileira sabendo-se que foi exatamente de 1995 a 1998 que o Real se manteve valorizado em patamares próximos ao valor do Dólar. Como já foi afirmado anteriormente, 1999 e 2000 foi um período de *déficit* menor mas ainda existente: tempo necessário para as empresas se modernizarem e voltar a competir no cenário internacional. Enquanto que no início dos anos 90 o Brasil exportava o equivalente a R\$ 1,50 para cada R\$ 1,00 importado, no período de 1995 a 2000 as importações superaram



Fonte: MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

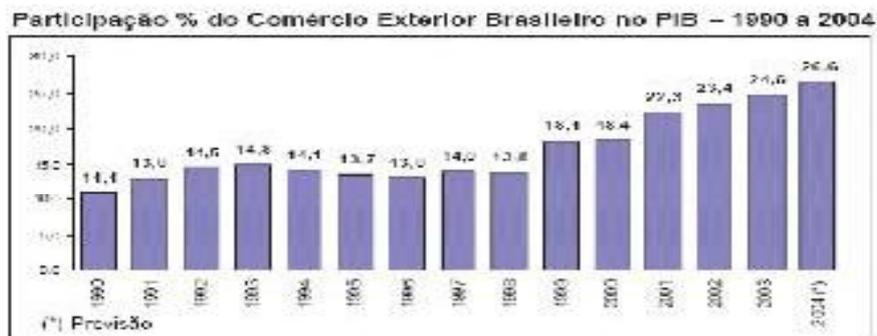
Segundo o MDIC (2004), o crescimento da economia mundial também refletiu positivamente no Brasil e resultou numa importante procura por bens e no aumento dos preços internacionais

do commodities. Os setores que mais se beneficiaram com o aumento das cotações no mercado internacional foram os produtos básicos e semimanufaturados. O item que mais contribuiu para o aumento das vendas brasileiras externas foi material de transporte, que em 2004 totalizou US\$ 16,042 bilhões, 50,9% a mais do que em 2003. Comparando os produtos que o Brasil exporta, 1.716 obtiveram um excelente crescimento em relação a 2003. Entre outros produtos, podemos citar máquinas e equipamentos, aeronáutico, siderúrgico, automotivo, bebidas e álcool, trigo, milho. O país intensificou seus mercados e passou a vender para países não tradicionais como Libéria, Sudão, Chipre, Estônia, Mauritânia e Tunísia, entre outros.

Em suma, o país começa a perceber e se voltar para produtos com maior valor agregado e busca diversificar a carteira de clientes atualmente muito dependente dos EUA que importam 30% das vendas brasileiras no exterior. Isso obriga o país a buscar caminhos alternativos. Isso porque ter um cliente que representa 30% das vendas significa afirmar que “o país está nas mãos dele” porque se este não comprasse mais “de uma hora para outra” a crise estaria estabelecida por que não teríamos para onde redirecionar um montante dessa natureza no curto espaço de tempo. O outro fato importante é que a “recíproca não é verdadeira”: o Brasil não representa 1% do destino das exportações norte-americanas.

Nesse caso a alternativa é manter as vendas para esse cliente mas intensificar ofensivas buscando novos mercados para diversificar mais a carteiras de cliente. É a tradicional recomendação de que não se deve “colocar os ovos numa única cesta”. Outro fator relevante é que a pauta das exportações brasileira está ainda muito atrelado aos *commodities* fator preocupante por que são produtos com pouco valor agregado e que têm uma histórica tendência de queda dos preços a nível internacional. A alternativa nesse caso é manter-se exportando tais produtos mas, rapidamente, buscar intensificar a competitividade mediante agregação de valor na cadeia produtiva priorizando a venda de produtos mais intensivos em mão-de-obra e capital. Isso se consegue melhorando o desempenho industrial brasileiro através de investimentos e incentivos que busquem a ampliação da cadeia produtiva, ou seja vender mais os produtos finais e menos os in natura.

Quanto às importações, o Brasil registrou crescimento em todas as categorias de produtos e em suas das principais regiões econômicas do país, no caso o Sudeste e o Sul. Isso mostra que o comércio exterior brasileiro está ampliando-se muito, mostrando o importante grau de abertura, tanto das exportações quanto das importações. Por exemplo a participação das exportações no PIB elevou-se de 24,6%, em 2003, para 26,6% em 2004 (ver Figura 4). E o país saiu de 0,9% da participação do comércio mundial para 1,2%, desempenho ainda baixo mas que já reflete melhoria. Mas para esse crescimento se manter o país tem de ampliar sua pauta de exportações de modo a não



Fonte: MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

O Figura 4 também demonstra que o período de 1994-98 foi marcado pelo fraco desempenho das exportações na formação do PIB, devido à valorização cambial da moeda nacional que elevou o Custo Brasil resultando em perda de competitividade no mercado externo. Já de 1990 a 1993 e, também a partir de 1999 o desempenho exercido pelas exportações na formação do PIB nacional foi significativo, este resultado deve-se a flexibilidade cambial, assegurando uma taxa de câmbio mais adequada às exportações.

Para Brum (2002, p. 154), “a abertura da economia, iniciada

em 1999, elevando a participação dos bens internacionais no produto real e estabilizando o nível geral de preços, criou condições para que a taxa de câmbio funcionasse como âncora no processo. Isso num longo período que vai desde o lançamento do Plano Real, até a desvalorização da moeda em 1999”. O próprio governo tinha consciência da importância do câmbio. “Em janeiro de 1999, houve apreciável desvalorização do real. Em 13-1-1999, um dólar valia R\$ 1,2078; em 29-1-1999, valia R\$ 2,20”. (MAIA, 2003, p.244).

No final de 2004 e início de 2005 ressurgiu uma tendência de valorização do Real sobre o Dólar. Mas isso não é reflexo unicamente das questões domésticas pois reflete uma tendência mundial de desvalorização do Dólar. Basta verificar que essa valorização do Real em relação ao Dólar não se reflete em igual proporção na valorização do Real em relação ao Euro. Por essa razão, inclusive, que os exportadores foram recomendados a fechar contratos internacionais em Euro.

Os juros elevados também contribuem para a manutenção de uma valorização cambial, ainda que contenha a inflação. No caso da influência da taxa de câmbio sobre a inflação, percebe-se que a desvalorização se transmite mais rapidamente nos preços do que a valorização. Isso porque a desvalorização do Real faz subir o preço de produtos importados relevantes como é o caso do petróleo, que são repassados para os preços finais dos produtos (inflação de custo). Já uma valorização da moeda que deveria gerar efeito contrário sobre resistências das empresas e dos setores para ser adotado.

A continuidade da valorização do Real é uma ameaça à permanência das condições que levam ao aumento das exportações. Isso preocupa sabendo-se que o país somente vem conseguindo superar suas dificuldades econômicas (nos últimos anos) graças a melhoria das contas externas em função da geração de *superávits* comerciais expressivos. Os indicadores tradicionais de vulnerabilidade externa reduziram-se expressivamente - a relação dívida externa/exportações, que chegou a 470% em 1999, recuou para 250% em junho de 2004; e a relação serviço da dívida/exportações passou de 126% para 67%. Se o desempenho das exportações não se manter estes dados correm o risco de sofrer reversão.

O Gráfico 5 demonstra que as exportações mantiveram uma trajetória ascendente nos últimos dois anos e as importações, a partir do 2º trimestre de 2004, puxadas pela expansão da atividade econômica brasileira. Essas importações que, aparentemente, dificultaram um melhor desempenho da Balança Comercial são, na maioria dos casos, positiva por vários fatores. Primeiro por que as importações que mais cresceram foram de máquinas e equipamentos e isso significa que o setor produtivo está investindo na capacidade produtiva. Tal fato permite afirmar que essas importações significaram maiores exportações futuras. Outro fator positivo no crescimento das importações é que um país que quer crescer sua participação nas exportações precisa também ceder algo nas importações pois, afinal, comércio exterior é uma troca entre duas ou mais partes. Também tem de se considerar que o aumento das importações é reflexo do aquecimento da atividade econômica do país que, com mais recursos passa a importar certas comodidades que o país não vende ou ainda vende muito caro. Isso significa maior qualidade de vida para a população.

O único fator preocupante é o aumento das importações decorrente da valorização do Real ou quando o aumento das importações ocorre sem ter crescimento idêntico ou maior nas exportações e isso não é o caso expresso na Figura 5. Para os anos que se seguem, se não houver uma reversão da taxa de juros e da tendência de queda do valor do dólar esse aumento das importações tende a



Fonte: MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

Segundo MDIC (2004), outro importante fator do bom desempenho das exportações brasileiras é a comparação da taxa de crescimento das exportações do Brasil com o mundo. De acordo com o FMI, a previsão das exportações mundiais de 2004 eram de aumentar em 18,3%, enquanto que as vendas externas brasileiras ampliaram-se a uma taxa de 32%. Os setores que mais se beneficiaram com o aumento das cotações externas foram os produtos básicos e semimanufaturados, cujos preços cresceram 19,0% e 13,3%, respectivamente, sendo que, no *quantum*, o aumento foi de 13,7% e 8,6%, [...] os produtos manufaturados tiveram um aumento das vendas influenciado pela ampliação das quantidades embarcadas, elevando, assim, a participação de produtos de maior valor agregado nas exportações e a maior inserção de produtos brasileiros representativos dessa categoria de bens no mercado internacional, sendo que o valor das exportações de manufaturados totalizaram US\$ 52,949 bilhões, em 2004, o que representou aumento de 33,5% sobre 2003”. Ainda segundo a mesma fonte as exportações brasileiras de produtos básicos somaram US\$ 28,51 bilhões enquanto os produtos semimanufaturados somaram US\$ 13,429 bilhões. Isso significa a expansão de, respectivamente, 34,7% e 22,7% sobre 2003. Tais resultados refletiram no aumento da participação dos produtos manufaturados nas exportações totais, que passou de 54,3%, em 2003, para 54,9%, em 2004, assim como dos produtos básicos que se elevou de 29,0% para 29,6%, respectivamente.

O fato relevante do bom desempenho brasileiro da Balança Comercial fica evidente na Tabela 1 que mostra uma variação positiva nos preços e na quantidade dos principais grupos de produtos que compõe a pauta de exportações brasileira. Mas, sabe-se que essa

tendência dificilmente se manterá por longo tempo haja visto que existe uma tendência mundial do aumento da oferta, principalmente, de produtos básicos e as previsões apontam para uma tendência de queda dos produtos, principalmente os ligados aos *commodities* do agronegócio.

TABELA 1 - VARIAÇÃO NOS PREÇOS E NAS QUANTIDADES EXPORTADAS PELO BRASIL

Variação % dos Índices de Preço e <i>Quantum</i> Janeiro/Novembro - 2004/2003		
	<i>Quantum</i>	Preço
Exportação Total	17,7	11,4
Básicos	13,7	19,0
Semimanufaturados	8,6	13,3
Manufaturados	22,6	6,8

Fonte: FUNCEX.

A FIGURA 6 expressa a participação da exportação por produtos e em valores financeiros agregados. O fato concreto é que em termos de quantidade, peso ou volume os produtos básicos e os semimanufaturados representam quantidade mais expressiva, mas essa quantidade não se reflete no valor financeiro total por causa do pouco valor agregado destes.

FIGURA 6 - AS EXPORTAÇÕES DO BRASIL EM 2004 SEPARADOS POR AGREGAÇÃO



Fonte: MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

Nota-se que o material de transporte contribuiu muito para a ampliação das vendas externas em 2004, ao totalizando US\$ 16,042 bilhões, um valor 51% superior ao de 2003. Neste segmento cresceram as exportações de aeronaves e itens do setor automotivo, além de exportação de dois navios-plataforma para produção e armazenamento de petróleo e gás, no valor de US\$ 1,2 bilhão. Esse fator é importante porque mostra que o país pode agregar valor e o que isso representa. A venda de uma aeronave pela Embraer significa um faturamento bruto equivalente a uma imensa quantidade de produtos *in natura*. Segundo MDIC (2004), além do aumento de produtos tradicionais é importante destacar que mais de 600 novos itens foram exportados em 2004 representando cerca de US\$ 900 milhões.

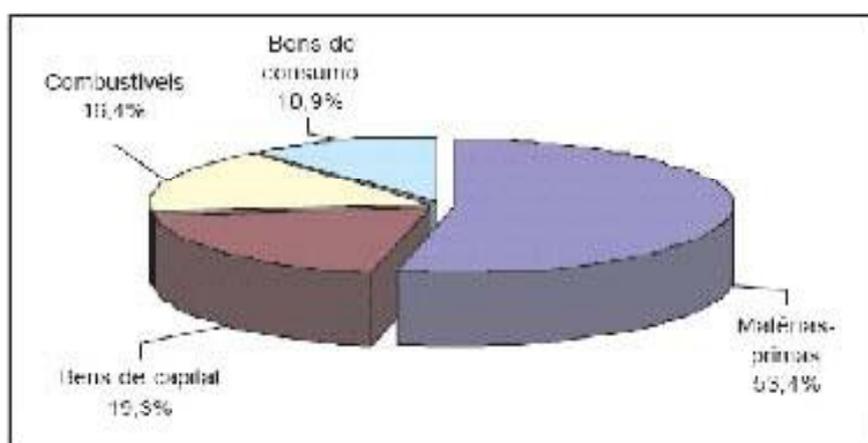
Um dos destaques do desempenho exportador em 2004 foi o crescimento das vendas de produtos brasileiros para países não tradicionais ou com pequena participação em exportações anteriores, o que vem mostrando a diversificação dos mercados importadores, a ampliação de produtos exportados e a descentralização de regiões produtoras exportadoras. Em 2004, dos vinte e sete Estados brasileiros, treze registraram taxas de expansão superior a das exportações brasileiras, sendo que as inclusões de novos produtos nas exportações desses Estados contribuem de importante forma para o contínuo crescimento das vendas externas brasileiras e a diversificação das exportações do País.

Nas importações, todas as categorias de produtos registraram crescimento em 2004, comparando com 2003. Fato importante é que a atividade produtiva é a maior demandante de bens importados, como matérias-primas e intermediários e bens de capital, que responderam por cerca de 53,4% e 19,3%, respectivamente. Juntas somam 73% das importações brasileiras do ano de 2004 (como pode ser visualizado na Figura 7). Isso evidencia que o mesmo Brasil, que tem na sua pauta de exportação uma grande participação produtos em forma de matéria-prima, também é um país que importa produtos básicos e os beneficia dentro do país. Tal fato prova que as teorias das vantagens absolutas e comparativas e as que se seguiram, nem sempre se confirmam. Pois o Brasil importa e exporta produtos de base tecnológica semelhante. O

mesmo ocorre com países desenvolvidos que importam e exportam bens semelhantes (exemplo: importa automóvel de marca X e exporta o mesmo modelo de marca Y).

FIGURA 7 - AS IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS EM 2004 POR CATEGORIA

Importação Brasileira por Categoria de Uso - Participação % - 2004



Fonte: MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

A Tabela 2, expressa a origem dos produtos importados pelo Brasil em 2003 e 2004. Assim como a União Européia e os EUA são importantes destinos dos produtos exportados pelo Brasil estes também são importantes fornecedores de produtos, com valor agregado, ao Brasil. Isso porque eles são os principais fornecedores de produtos com alto valor financeiro como máquinas, equipamentos, eletroeletrônicos, informática e outros. As importações brasileiras cresceram considerando todos os blocos apontados com destaque para a África e para Europa Oriental de onde os produtos vindos ao Brasil praticamente dobraram no valor total de 2003 para 2004.

TABELA 2 - ORIGEM DAS IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS EM 2003 E 2004.

**IMPORTAÇÃO BRASILEIRA – PRINCIPAIS BLOCOS ECONÔMICOS  
JANEIRO/DEZEMBRO – 2004/2003 - US\$ MILHÕES FOB**

	Janeiro/Dezembro		Var. % 2004/03	Part. %	
	2004	2003		2004	2003
UNIÃO EUROPEIA (1)	15.923	13.071	22,3	26,4	27,0
ÁSIA	42.278	8.023	37,6	69,6	18,5
China	3.710	2.148	72,7	6,9	4,4
EUROPA (2)	11.511	9.736	18,1	18,3	20,1
ALADI	10.021	8.209	22,1	16,0	17,0
- MERCOSUL	6.353	5.685	12,6	10,2	11,8
- Argentina	5.572	4.672	19,3	8,5	5,7
- DEMAIS DA ALADI	3.668	2.524	43,7	6,8	5,2
ÁFRICA	6.172	3.278	88,3	9,8	6,8
ORIENTE MÉDIO (1)	2.304	1.619	42,8	3,7	3,1
EUROPA ORIENTAL (1)	1.224	853	55,2	2,1	1,8
DEMAIS	3.246	2.662	21,9	5,2	5,5
<b>TOTAL</b>	<b>62.779</b>	<b>48.291</b>	<b>30,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: SISCOMEX.

(1) Devido às alterações recentes no quadro de União Europeia (Chiquit, Países Baixos, Polónia, Espanha, França, Itália, Malta, Polónia e Irlanda) e, em consequência, Chile foi excluído das classificações do bloco Oriente Médio e os demais países, da Europa Oriental. Os dados de Itália e Chile já estão ajustados a essa nova classificação.

(2) Inclui Itália e Espanha.

Para Brum (2002, p. 162), “a redução das alíquotas de importação permite ampliar a concorrência de produtos estrangeiros no mercado, a preços mais competitivos, possibilitando o aumento do poder de barganha do comércio varejista junto às indústrias fornecedoras nacionais”. Desta forma, se teve um aumento nas importações e uma maior abertura da economia brasileira para o cenário externo.

Na figura 8 evidencia-se um fator que normalmente se confirma em se tratando de balança comercial brasileira. A média semestral, mensal e diária sempre é maior na segunda metade do ano em relação à primeira metade, e isso se confirma nos dados apurados em 2004. Tal desempenho histórico permite que analistas possam prever com maior confiança o volume exportado pelo Brasil no ano tendo como parâmetro a primeira metade (aquele valor vezes dois ou mais). Algo semelhante se verifica nas importações. Assim, se o desempenho na primeira metade foi bom tende a ser melhor ainda na segunda e se o desempenho da primeira metade não foi bom ainda existe a

possibilidade de se recuperar na segunda metade do ano.

FIGURA 8 - EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS EM DEZEMBRO DE 2004 E MÉDIAS DIÁRIAS NO ANO

<b>BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA</b>						
<b>DEZEMBRO 2004</b>						
US\$ milhões FOB						
Período	Dias Úteis	EXPORTAÇÃO		IMPORTAÇÃO		SALDO
		Valor	Média p/dia útil	Valor	Média p/dia útil	
<b>DEZEMBRO</b>	<b>23</b>	<b>4.194</b>	<b>399,7</b>	<b>5.684</b>	<b>247,1</b>	<b>3.510</b>
1.ª semana (01 a 05)	5	1.170	390,0	959	179,7	211
2.ª semana (06 a 12)	5	2.003	410,6	1.240	248,0	763
3.ª semana (13 a 19)	5	2.052	410,4	1.409	281,8	643
4.ª semana (20 a 26)	5	2.313	462,6	1.125	225,0	1.188
5.ª semana (27 e 31)	5	1.576	315,2	951	190,2	625
<b>Acumulada no ano</b>	<b>252</b>	<b>96.475</b>	<b>382,8</b>	<b>62.779</b>	<b>249,1</b>	<b>33.696</b>
Janeiro	21	5.300	252,2	4.214	200,7	1.086
Fevereiro	18	5.722	317,9	3.752	208,4	1.970
Março	23	7.422	322,7	5.344	232,3	2.078
Abril	20	6.590	329,5	4.631	231,6	1.959
Mai	21	7.447	354,6	4.628	220,4	2.819
Junho	21	4.120	196,2	5.523	263,0	-1.403
Julho	22	6.992	317,8	5.510	250,5	1.482
Agosto	22	4.056	184,4	5.625	255,7	-1.569
Setembro	21	6.820	324,8	6.221	296,3	599
Outubro	20	6.044	302,2	5.030	251,5	1.014
Novembro	20	8.159	408,0	6.082	304,1	2.077
Dezembro	23	4.194	399,7	5.684	247,1	3.510
<b>Dezembro/2003</b>	<b>22</b>	<b>6.748</b>	<b>306,7</b>	<b>3.997</b>	<b>181,7</b>	<b>2.751</b>
<b>Novembro/2004</b>	<b>20</b>	<b>6.159</b>	<b>308,0</b>	<b>6.002</b>	<b>300,1</b>	<b>1.157</b>
Var. % Dezembro-2004/Dezembro-2003		-38,8	10,3	-42,6	66,2	135,3
Var. % Dezembro-2004/Novembro-2004		-12,0	-12,5	10,0	-16,7	-18,7
<b>Jan-Dezembro/2004</b>	<b>252</b>	<b>96.475</b>	<b>382,8</b>	<b>62.779</b>	<b>249,1</b>	<b>33.696</b>
<b>Jan-Dezembro/2003</b>	<b>253</b>	<b>73.081</b>	<b>288,9</b>	<b>48.291</b>	<b>190,9</b>	<b>24.790</b>
Var. % Jan/Dezembro-2004/2003		32,0	32,5	30,0	30,5	35,9

Fonte: SISCOMEX  
 Dezembro/2004: 23 dias úteis; Novembro/2004: 20 dias úteis; Dezembro/2003: 22 dias úteis.

Verificando tais dados no ano de 2004 percebe-se que as exportações brasileiras de janeiro a junho (incluído junho que foi o melhor desempenho do ano) somaram US\$ 43.307 bilhões ou uma média de US\$ 349,25 milhões por dia útil, contra US\$ 53.168 bilhões de julho a dezembro ou uma média de US\$ 415,375 milhões por dia útil. Em suma, as exportações diárias são, praticamente, 20% superior no segundo semestre comparado com o primeiro.

### 3 CONCLUSÃO

Apesar de todos os problemas, nos últimos dez anos o país melhorou suas perspectivas e caminha, aos poucos, buscando melhores cenários. Pode-se concluir que o preço mais elevado do custo desse novo projeto o povo já pagou, e agora tende a conseguir algum retorno. O país vem acumulando sucessivos *superávits comerciais* (apesar da desvalorização crescente do dólar), a economia retomar o investimento, a dívida pública começa a “parar” de crescer, o risco externo mantêm-se com tendência à baixa, os investimentos externos estão retornando ao país e o governo passa a ter políticas mais claras para a agregação do valor nos produtos exportados.

Para isso, o governo tem de eleger melhor suas prioridades e avançar efetivamente nelas. Exemplos de “gargalos” que precisam ser combatidos: a) não basta a Lei Kandir (isenta de tributação as exportações de produtos com pouco valor agregado) como suporte para se manter um grande exportador; precisa de uma política de incentivo mais abrangente buscando novos exportadores e produtos com maior valor agregado; b) o país quer acabar com o desemprego e pune quem gera mais emprego; c) empresas exigem profissionais “jovens com experiência” para trabalhar, descartando os inexperientes (jovens) e os experientes (mais de 40 anos de idade), caso típico de contradição e justificativa sem fundamento; d) país transporta sua produção por rodovias em mau estado, perfazendo nesse caso, duas contradições por que rodovia é o sistema de transporte mais caro e o país que poderia ter ferrovias e hidrovias funcionando; isso inclusive justifica o mau estado de conservação das rodovias (excesso de peso e de uso); e) país que quer se desenvolver não o faz se não investir forte em educação com melhoria do nível de conhecimento de sua população; g) querer exportar e não cuidar do câmbio é contraditório; f) outros.

O Brasil precisa fazer a sua opção de competitividade. Até o presente o setor exportador deu a sua parcela de contribuição para a economia brasileira mas não consegue fazer milagres. Os sucessos obtidos até o presente foram muito mais decorrentes da “transpiração” das empresas no seu esforço competitivo, fazendo valer a máxima de

que país competitivo é o que tem empresas competitivas. Mas isso funciona até um determinado ponto, exigindo que o Estado passe a ter uma atuação mais clara na área. Espera-se que essa nova posição do governo de promover a marca Brasil e os produtos do país no exterior, seja o começo dessa nova postura governamental no comércio exterior.

### REFERÊNCIAS

BRUM, A. L. **A Economia internacional na entrada do século XXI**. 2.ed. Ijuí: Unijuí, 2002.

BRUM, A. J. **Desenvolvimento econômico brasileiro**. 23.ed. Ijuí: Unijuí, 2003.

FUNCEX, Disponível em: <http://www.funcex.com.br> > Acessado em: janeiro de 2005.

GUIDOLIN, B. **Economia e comércio internacional ao alcance de todos**. São Paulo: Aduaneiras, 1999.

MAIA, J. M. **Economia internacional e comércio exterior**. 8.ed. São Paulo: Atlas 2003.

MDIC, Ministério do Desenvolvimento e do Comércio Exterior. Disponível em: <http://www.desenvolvimento.gov.br>>Acessado em: janeiro de 2005.

REVISTA DA FAE: A vulnerabilidade externa da economia brasileira: um estudo sob o enfoque das questões tecnológicas, produtivas e comerciais, **Revista FAE** Curitiba, v.7, n.1, p.35-50, jan./jun. 2004.

SATUR, R.V.; RIBEIRO, E.R.. As tendências à globalização e à integração: novos (velhos) paradigmas. In Pesquisa & debate 21. **Revista PEPGE, PUCSP**. São Paulo, v.13, n.1, p.46-84, 2002.

SILVA, M. F. **Relações econômicas internacionais**. São Paulo: Aduaneiras, 1999.